

ILUSTRACAO / PORTUGUESA

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça  
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia  
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.  
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00  
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e circulação: — Rua do Sécuro, 23, LISBOA

Crown Ribbon and Carbon Mfg. Co.<sup>a</sup>

Machinas de escrever,  
acessorios e officinas de reparação:  
Preços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>**

R. Nova do Amparo, 6. 2.<sup>o</sup>

Telefone 2536

LISBOA

Perfumaria  
Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141  
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



**ANEMIA**  
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA  
Todos os Medicos proclamam que  
• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)  
de Hemoglobina  
CURAM SEMPRE

O melhor  
Cha exportado da  
Inglaterra é o  
Cha Endvar

Solicitamos Agentes  
Compradores para os  
mercados onde não  
tenhamos representantes

## CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON E.C. 4



## ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e creanças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra.—Diplomada com frequencia em massagem **MEDICA ESTETICA**, pedicure, manicure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'**ORTOPIEDIA E MASSAGEM**.—Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Antiga professora diplomada inscrita e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

**AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A**

Telefone

Endereo telegrafico

Estabelecimen... unico no genero em Portuga e o mais importante da Peninsula

3641—C.

**BELEZAK**

### Esthetica Feminina

*Tratamentos de Beleza pela Electricidade applicada sob todas as suas formas*

*Massagem medica, esthetica e higienica, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica*

### Produtos Rainha da Hungria

**Pó de Talco Rainha da Hungria**—Contra a vermelhidão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto devido ás perturbações da circulação, pruridos, eczemas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

**Sabonete Rainha da Hungria**—O mais delicioso e perfumado.

**Creme Rainha da Hungria**—Deliciosamente perfumado.

**Pó Rainha da Hungria**—Extracto para assetinar e aveludar a pele.

**Agua Rainha da Hungria**—Limpa e fecha os poros e evita os pontos negros.

**Pó de Arroz Rainha da Hungria**—Magnifico para a pele.

A revista illustrada desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

*N' venaa em todos os bons estabelecimentos*

## ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA



A ILUSTRE ACTRÍS PALMIRA BASTOS

## As meias azuis

«BAS-BLEU» é a mulhersinha futil, que faz da Arte, uma futilidade, da literatura um pó de arroz, que vive dentro de uma mentira literaria, por que afeiçoa a sua sensibilidade, com que desafina os seus nervos, com que abastarda a sua vida.

E' uma desgraçada, a «bas-bleu»! E' uma martir de si propria. E como a «bas-bleu» é atrazada em leituras, as suas leituras prediletas são os romanticos ou os decadentes.

A «bas-bleu» sente-se exilada na vida; sonha um mundo incrivelmente esteta, onde o Amor fosse o proprio ar que se respira, e os soes, obliquando, deixassem sinfonias no branco das estatuas e na agua dos paues.

Felizmente, para elles e para nós, as «bas-bleus» sob esta alma postiça, que foi emprestada pelos livros de 3,50 fr., têm uma alminha propria e um temperamento proprio, que a levam ás mais encantadoras ingenuidades ou ás mais ricas exaltações.

Na alma das «bas-bleus» — quando são bonitas — só ha de interessante — o corpo...

Mas a «bas-bleu» não é só desgraçada consigo propria. E' intoleravel, para os outros. A «bas-bleu» acabou por fazer escritores para si e ao seu gosto pervertido, escritores que lhe repetem os seus velhos escritores queridos, em periodos novos.

A «bas-bleu» não contente com abastardar a sua vida, anda abastardando a literatura. E' ela que manda, a «meia azul». Ha escritores que a agitam, como uma bandeira, que a trazem sempre diante dos olhos, como uma nevoa, que a trasem no peito, como uma camisola.

Pode-se perceber que, tal como os Magos se guiavam por uma estrela, uma geração se deixe guiar — por uma meia? Que a ergam á altura dum tratado, de um principio, de uma verdade?

Não. A geração não cabe dentro de qualquer meia. A literatura, não é, precisamente — uma perna.

Façamos guerra — guerra de desdem — á «bas-bleu», á meia azul. Façamos-lhe guerra, mesmo contra nós proprios. Excepto num caso. Excepto se ela fôr bonita. Então, é justo, é humano, que o homem mande mais do que o escritor. Que o escritor feche os olhos e o homem abra os braços. Mas, se ela fôr bonita, não tenhamos duvidas nem hesitações. Ajoelhem-nos, reverentemente, religiosamente, e entreguem-nos á tarefa tão grata ao escritor e ao homem, ás opiniões e aos dedos — de a descalçar...

A. DE B.

HA dias foi lida na *Ilustração Portuguesa* uma peça regional de Fernanda de Castro, uma peça de costumes maritimos cuja acção decorre numa aldeia de pescadores, á beira mar.

A certa altura o distinto fotografo da *Ilustração*, sr. Salgado, entrou inesperadamente na sala onde se fazia a leitura e onde o silencio era completo.

Afonso de Bragança, pouco depois, interrogado sobre a peça, teve este dito feliz:

— A peça? Tem um tão grande poder de evocação que até a certa altura appareceu o Salgado... —

Momentos depois, terminada a leitura, quando o chá aloirava as chicharas de porcelana um dos rapazes presentes, pintor conhecido, dizia a um jornalista não menos conhecido:

— Credo! Muito tem você comido!...

— Pudera! O ar do mar abre o apetite... — E sem se desconcertar, o illustre jornalista continuou, imperturbavel, a «brioche» encetada.

ABRE hoje, no salão da *Ilustração Portuguesa*, a exposição Antonio Soares. Este nome é bastante conhecido dos nossos leitores. O exito da exposição que abre hoje, é facil de prever. Antonio Soares vai ter a consagração que o seu talento merece.

NUM jantar de festa. Uma senhora bastante avancada em idade, resolve *épater* os convivas, fazendo a declaração de que todas as mulheres deviam fazer como ella: matar-se aos cincoenta anos... Comentario de qualquer profissional de frases:

— Quem nos havia de dizer que vinhamos hoje, aqui, para jantar com um cadaver... —

NA Garrett. Um grupo de artistas novos ceiam, ruidosamente. Ao fundo, o sr. Antonio Maria da Silva, ceia pacatamente.

— Olha! — diz um jornalista conhecido — o Antonio Maria da Silva tambem ceia...

Conclue outro jornalista mais conhecido ainda:

— Que admira? Elle é de Ceia.

NA nossa ultima entrevista da semana, por um lapso de revisão, foi omitida uma frase em que Amelia Rey Colaço se referia, elogiosamente, a Berta Bivar, a distinta creadora do papel de «Viscondessa de S. Gil, no Ninho de Aguias».

Muito lamentamos o sucedido.

NA ceia a Lugué Poë, Sanches de Castro, o fantasta da geração, appareceu disfarçado de fotografo, com o monoculo exagerado em oculos, a maquina a tiracolo, o cabelo puxado para a frente. A certa altura, prepara-se para fotografar Lugué que vai a sair, bastante apressado, e que se nega...

— Pardon, monsieur... Je ne suis pas photographe... Je suis un artiste jeune...

E tirando os oculos, reinstala o seu monoculo — etiqueta...

# TRISTÃO PRAZERES

**Q**UANDO conheci, á luz crua e cinica de um café o sr. João Maria do O' Tristão Prazeres — tal é, integralmente, a sua graça — eu não vi nele mais do que um moço banal, um pouco excêntrico, numa especie de balanço lento entre o caixeiro de modas e o intelectual, vestindo com mais elegancia do que literatura, falando com mais literatura do que elegancia.

Quando nos apresentaram:

— O sr. Tristão Prazeres, advogado.

— O sr. Afonso de Bragança, jornalista...

Eu não lhe apercebi, num exame cuscovilhado, mais do que a fisionomia e o exterior.

Tinha uma cara larga, branca, muito branca, de literato *surmenagé*, como uma superficie de gelo, onde os olhos, grandes e verdes pareciam dois golpes fundos, descobrindo um *dessous* de agua estagnada. Além deste rosto original, havia nos sapatos de polimento coriscante, a ponta aguda, e lisa de nau do seculo XIII. O restante de indumentaria, como a elegancia de Brummell, os ditirambos de um d'Arvevilly. Só uma gravata geometrica, á Malibrán, com o complemento de uma rosa vermelha na lapela lhe emprestavam um ar ligeiramente literario.

Não me detive muito a analisá-lo no momento. Falo depois pouco a pouco quando percebi que inexistia mina de inedito e de pitoresco, de paradoxo e de sofisma, de ilogismo e de *blague*, se me oferecia naquele El-Dorado de calça festada e colarinho duro.

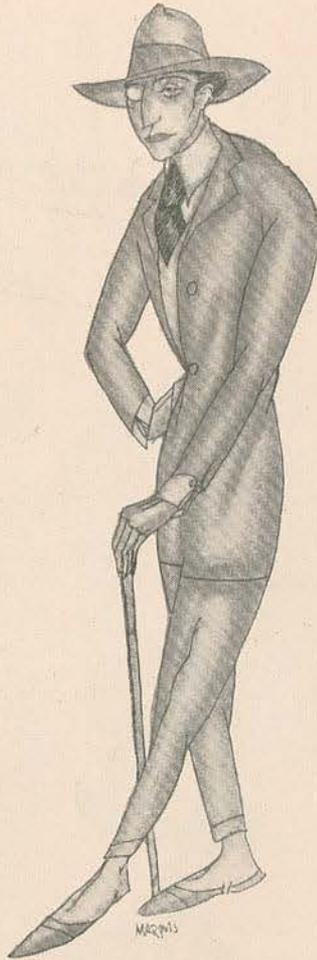
Puz-me então a examiná-lo, detidamente, como quem quer encontrar no seu fisico qualquer coisa do seu espirito. Nada, ou antes quasi nada. Havia, é certo, no seu olhar glauco e frio, alguma coisa de invulgar, de agudo, de penetrante, onde, de vez em quando, naquele liquido verde, a scintilação de uma ideia subita lhe dava o ar de ponche a arder.

Na face, parada, rigida, escorrida, que dava a impressão de ter sido feita, pelo creador, de cima para baixo, havia a escura sombra do cansaço e da neurastenia. Tinha umas mãos muito brancas, grandes, aduncas, com um aspecto de garra ou de cilício de cinco pontas, onde os aneis eram tantos que, por um efeito de optica, quasi comunicavam aos dedos movimentos circulares.

Eram a sua paixão, os aneis. Vi-o, muitas vezes, parado, ante uma *vitrine* de joalheiro, fascinado, num elanguescimento feminino, doentio:

— Oh! aquele anel!

E — era sabido — durante os tres quartos de hora seguintes — era o praso matematico das suas dissertações — era um desfilar de bizarras e paradoxos e ilogismos, sobre as joias, sobre que construia tremendas teorias esteticas. Muito, de semelhante, cu-



vi-o a Tristão Prazeres. Do que lhe ouvi — e a que não falta esse magnifico capitulo das joias — darei noticia.

Tristão Prazeres é o rei do paradoxo. Ele não faz paradoxos. vive-os. Sente-os. E' nele uma coisa organica, divinal, celular. O ilogismo, nele, não reside á flor do labio. Está-lhe na propria retina. E' um daltonismo que lhe deforma as imagens como Greco lhas alongava.

Ele — creio-o bem — nunca viu, a vida pelo seu aspecto real — crente, talvez, como Platão, de que o real, é, afinal, uma illusão.

Admirador doido dos gregos, da Arte grega, da mulher grega, da filosofia grega, da arquitetura, da literatura, da civilização gregas, vendo na sua Arte, como Anatole, a grande inspiradora da paz e da bondade; como Fontenelle tendo para si que a leitura dos livros gregos é semelhante ao scenico das mulheres de Hellade, — tudo no francês das antologias... — ele é um sofista e um peripatetico, um pouco Antistoles e um pouco Epicuro.

Se um dia fosse interrogado sobre o Principio Supremo, ele não diria como Anaximones, que foi o Ar, como Anaxágoras, que foi a Agua, como Heraclito, que foi o Fogo.

Para ele, — creio bem — teria sido o Paradoxo. Nunca o interroguei a esse respeito e agora é tarde, porque ele já vae longe. Mas o mundo para ele é, com certeza, filho de um paradoxo de Deus, ou de uma *blague* do Diabo.

De qualquer maneira Tristão Prazeres está apresentado: *blagueur* e cultivador, inteligente e eloquente, especulador e sofista ele é, verdadeiramente, caracteristicamente — Tristão Prazeres.

O paradoxo não poupou o seu proprio nome... Esquecia-me dizer: Tristão Prazeres, advogado *ratée*, neurastenico por temperamento e *blagueur* por nasçença — não escreve.

Em verdade ele tem tudo quanto é necessario escrever. Só lhe falta — escrever. Pensa em periodos redondos, e fala com virgulas. Apenas — não escreve.

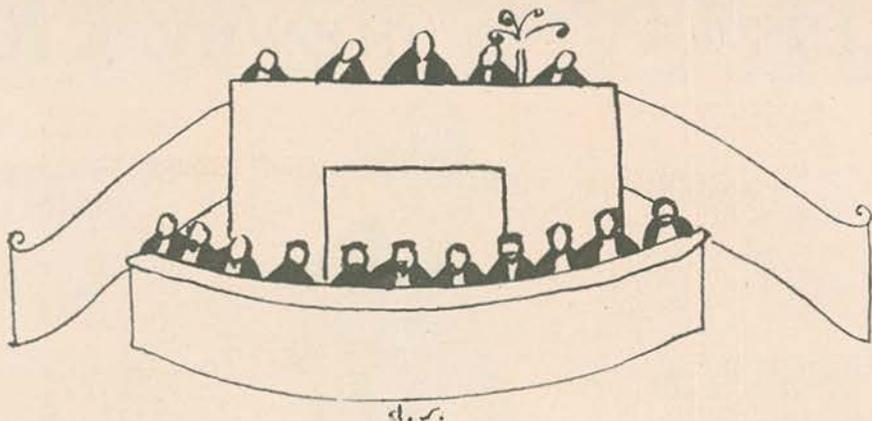
Porquê? Ele o diz. Porque para escrever tem que se sentar. E Tristão Prazeres é incapaz de pensar sentado.

Quando lhe acode uma ideia feliz e se senta para a fixar — a ideia foge-lhe. O seu pensamento tem qualquer correlação com os rins. Ele o diz. Ele o confessa. Ele o deplora. Quantas obras-primas ele não escreveria — de pé...

Por isso, fielmente, das suas observações e dos seus desvarios, das suas preleções e dos seus soliloquios eu, humildemente, farei relato. Serei o seu interprete, o seu papel, a sua pena — a sua cadeira...

AFONSO DE BRAGANÇA

Desenho de Bernardo Marques



# CRONICA DE S. BENTO

**L**EVANTA-SE o pano: três horas e meia. Começa o espectáculo. Revista por sessões, de agrado certo. O nome, não importa. Muda de nome todos os dias... Actores, eleitos pelo público... O verdadeiro teatro Nacional.

Almeida Garrett também por lá passou... Não se paga bilhete. O ideal. É uma espécie de récita da Escola de Arte de Representar. Contra regra: Dr. Domingos Pereira.

Entra *A Ordem*, disfarçada no sr. Cunha Leal:

—Peço a palavra! É necessário manter-me. Se fôr preciso, devemos ir até á pena de morte... para os oradores que falarem tempo de mais!

O sr. Carvalho da Silva, disfarçado em deputado:

—Não apoiado! Não apoiado! A fala foi dada ao homem para...

Grande rumôr entre bastidores. Quando se restabelece o socego apenas se ouve a frase final do discurso, que demorou três horas:

—Quem tem bôca vai a Roma!

O sr. Lino Neto, que fingia que dormia, com um lindo costume de católico:

—Pois sim! O sr. pode ir a Roma, e não vêr o Pápa...

Um democratico:

—Fôra com os *Jazuitas!*

Uma voz das minorias:

—*Jazuita é sua avó!*

O democratico:

—Ha-de engulir, o que disse!

A voz:

—Lá isso, não engulo!

—Engole!

—Não engulo!

Um outubrista dando murros na carteira:

—Isto não pôde ser! Isto não pôde continuar assim! Vou fazer uma revolução...

Um independente, fingindo-se zangado:

—Fôra! Fôra! Fôra!

O sr. Cunha Leal:

—Ordem!

O sr. Carvalho da Silva:

—Estamos fartos da administração da República. Viva a Monarquia!

Estabelece-se confusão. O publico delira: O sr. João Pessanha volta ao seu lugar guardando na algibeira do colete dois dentes dum adversário.

A voz do sr. Carvalho da Silva:

—Hei-de pôr-lhes a calva á mostra!

O sr. Alvaro de Castro, encavalitando as frases no monólculo:

—Ponha a sua... monarquia onde deve pôr! A administração da República é superior á do regimen escorraçado em 1910!

Católicos e monarquicos riem profundamente convencidos de que estão rindo a valer.

Ouve-se a campainha do contra-regra.

Fala o sr. Antonio Maria da Silva:

—Caxias... o cerco... o governo... reforma total da guarda... fazem-se esforços... ressurgimento...

O *leader* democratico disfarçado em dicionario de adjectivos:

—O partido democratico apoia incondicionalmente as nobres, dignas, mirificas, extraordinarias e brilhantes declarações do sr. presidente do ministerio!

—Não vejo porquê, grunhe um descrente.

Sai ordem para acender os candieiros.

Em plena luz distingue-se claramente... o brilho do colarinho e dos oculos do sr. Antonio Maria da Silva.

Um deputado consultando o relógio:

—São horas de jantar.

O sr. Carvalho da Silva.

—E' que eu...

Muitas vozes:

—Fôra! Fôra! Fôra! São horas de jantar.

O contra-regra consulta o relógio.

Realmente são horas. Estão extenuados. E' encerrada a sessão.

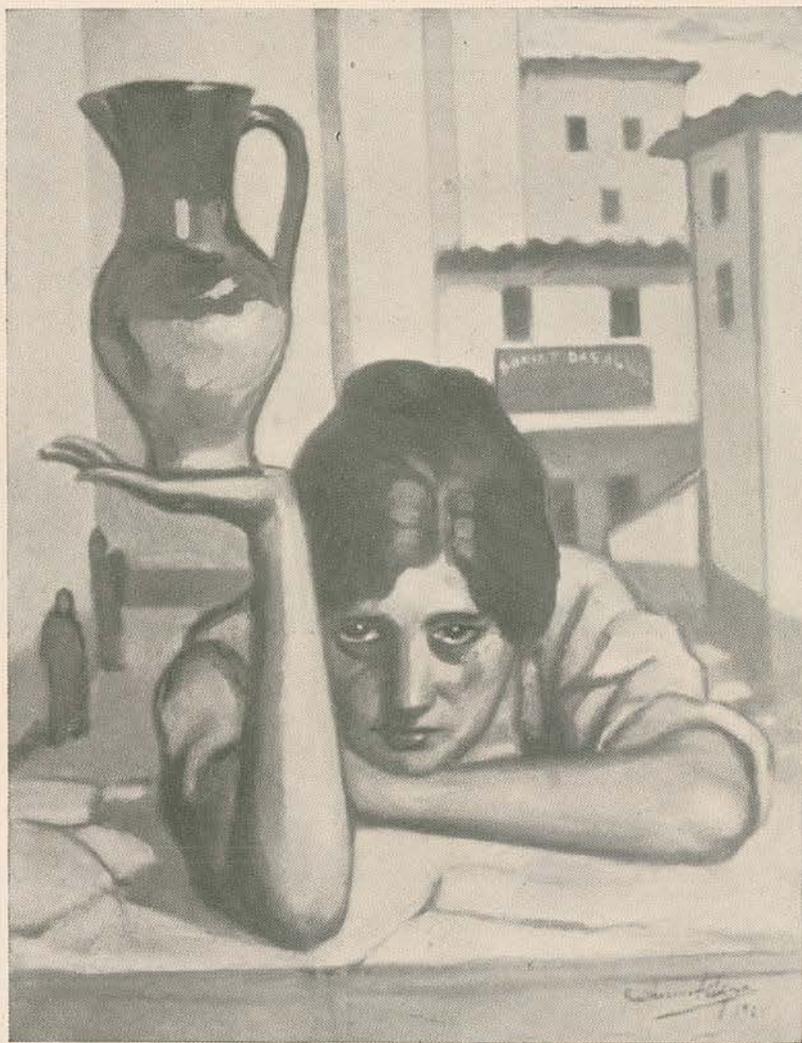
Desce o pano.

Na rua, José Estevão, de braço estendido, indica-lhes o caminho...



Caricaturas de José Dias Sancho

# O PINTOR GUILHERME FILIPE



**G**UILHERME Filipe é um pintor novo que tem, por enquanto, na sua Alma anciosa, a sua melhor obra. A sua pintura é inquieta, irregular, plena de intenções, algumas realizadas, outras por realizar. O seu pincel caminha sobre as telas, como um peregrino. Guilherme Filipe ha-de triunfar porque Guilherme Filipe tem valor, um autentico valor. Ele tem, talvez, o *parti pris* da originalidade, a preocupação do novo... Quando esse *parti pris* lhe passar, quando Filipe se contentar com a originali-



dade da sua Alma, ele fará uma obra, uma obra pessoal. Não lhe faltam para isso as melhores qualidades. Tem mocidade, tem talento e tem irreverencia. Quando ele fôr original no processo e não se importar com a originalidade do assunto, quando der a Cristo a sua eterna côr biblica, Guilherme Filipe terá alcançado, repetimos, o segredo da vitoria. O pintor abre a sua primeira exposição em Coimbra, na proxima semana. Auguramos-lhe um grande exito. Filipe é uma das mais fortes afirmações da novissima geração.

# A Procissão do Senhor dos Passos da Graça



*A Procissão, dando a volta à igreja*

**E**M volta da Igreja da Graça—numa area curtinha, acanhada—o Senhor dos Passos da Graça, o eterno milagreiro—roxo como uma saude, triste como um destino—mais uma

vez percorreu no seu andor violeta, a eterna via-lactea da sua consagração—o caminho que os fieis lhe abrem na ancia cada vez maior de alcançarem o perdão das suas cul-

pas. O Senhor dos Passos da Graça que outrora passeava entre luzes e flores por todas as ruas da cidade, não sai agora dos arredores da sua Igreja, onde mil almas o



*Outro aspecto da Procissão*

vez percorreu no seu andor violeta, a eterna via-lactea da sua consagração—o caminho que os fieis lhe abrem na ancia cada vez maior de alcançarem o perdão das suas cul-

procurem, onde mil bocas lhe beijam os pés, esses pés mártires que ha mais de mil anos pisaram espinhos, em vez de rosas, para salvação de todos nós.

*(Clichés Garcez)*



*Lugné Poe rodeado por alguns artistas novos*

## A CEIA DE HOMENAGEM A LUGNÉ POE

**N**A sexta-feira da semana passada realizou-se, no «restaurant» Garrett, uma ceia de homenagem a Lugné Poe, organizada por alguns artistas da nova geração. Lugné Poe, um dos intelectuais do teatro francês, merece bem a homenagem que a gente nova de Portugal lhe quis prestar. A ceia decorreu com o maior entusiasmo e com a maior mocidade. Almada Negreiros, de «smocking» e barrete de campino, disse, admiravelmente, a sua «Histoire du Portugal par coeur», uma colecção de estampas em palavras. Antonio Ferro saudou

Lugné Poe, como o grande amigo dos novos, lamentando que em Portugal não houvesse um Lugné Poe para que os novos de Portugal fossem Portugal...

Falaram ainda Silva Passos que fez um brinde romantico e Raul Leal que fez, como sempre, um brinde metafísico; José Bragança, um espirito finissimo, brindou tambem, com o maior brilho, Lugné Poe e madame Pierat. Lugné respondeu, gritando, mais uma vez, o dogma da mocidade, e afirmando que as unicas obras duradouras são as obras feitas pelos novos.



*Um aspecto da assistencia*

*(Clichés Salgado)*



*Esperando o sr. Presidente da Republica. O sr. bispo de Beja e alguns oficiais do exercito*



*Os fieis saindo da basilica, por ocasião da homenagem*

*(Clichés Salgado)*



MADAME X.

*Um quadro celebre do grande pintor espanhol Inacio Zuloaga*

# ARGONAUTA DO AZUL

Santos Dumont—Icaro  
feito Virgílio, saúda  
os portugueses

**B**RÁDLEY e ZULOÁGA os dois arrojados aviadores argentinos que, quatro dias antes, tinham atravessado os Andes indo aterrar em Quebradas de la Cêpa, no vale de Uspalláta, acabavam de desembarcar na estação do Retiro.

Buenos Ayres, «a moderna Cartago», como lhe chamára Abel Boteelho, vibrava entusiasta, abrindo os braços carinhosos áqueles dois vencedores que a multidão aclamava numa alegria louca.

A Argentina é, talvez, entre todas as nações sul americanas a mais ciosa das suas glorias, dos seus homens de arrojo e intelligencia, e por isso mesmo, a mais tradicionalista em feitos heroicos nacionais. Levados de charola, desde a *gare* até ao Club de Esgrima, através das ruas principais da cidade, entre bandeiras argentinas, brasileiras e chilenas e clamorosos vivas que pareciam não ter fim, Brádley e Zuloága quasi que fizeram esquecer, por momentos, a deslumbrante sequencia dos festejos do Centenario de Tucuma. Varias, e qual delas a mais interessante, foram as festas promovidas em homenagem aos dois arrojados navegadores dos ares mas, de todas elas, temos que destacar a *velada* no Teatro Argentino com a peça *Maridos Caseros*, de Garcia Velloso, seguida da entrega das medalhas de ouro conferidas áqueles heroicos aviadores por Parravicini e Podestá, dois actores consagrados, e o banquete na *Passage Guémes*, oferecido pelo brilhante escritor D. Belisario Roldan.

Claro está que sobrepujando essas duas provas de consagração popular, ficará sempre na memoria dos argentinos a ruidosa e patriótica expansão daquela tarde de 28 de Junho de 1916.

As ruas, apinhadas de gente, estuavam de prazer incontido e em cada rosto lia-se a satisfação intima de ver realizado, por argentinos, o primeiro *record* americano de duração, distancia e altura culminando o colossal massiço dos Andes onde Jorge Newberry havia encontrado a morte.

E, como preito á sua memoria, *Newberry* era o nome do aparelho em que tinham voado essas duas figuras do dia que a firma Picardo & Comp.<sup>a</sup>, (do tão conhecido «45», disco vermelho com o numero em branco) havia presenteado com cincoenta mil francos, num arrombo de entusiasmo e de réclamo oportuno.

Os brasileiros, ainda que em numero restrito, estavam em foco. O Brasil, um dos elementos da celebre convenção internacional do A. B. C., que, por acaso, escapou a numero das mentiras convencionais de Max Nordau, enviára aos festejos do Centenario uma embaixada especial. Chefiava-a Ruy Barbosa, transportado a Bordo do *Almirante Barroso* evocação do português vencedor da batalha do Riachuelo, ao serviço do Brasil, na guerra do Paraguay.

E Ruy Barbosa, pelo seu egrégio talento mais uma vez revelado em varias conferencias, estava então fazendo extraordinario sucesso nos altos circulos intellectuais e scientificos de Buenos Ayres.

Ora entre os brasileiros mais conhecidos e resi-



*Os portugueses de hoje,  
netos dos fundadores da  
grande navegação nos  
céus, ainda um  
navegador dos ares*  
*Santos Dumont*  
*12-7-1916*

*Autografo de Santos Dumont*

dentes, definitiva ou temporariamente, na Argentina, encontrava-se naquele dia, Santos Dumont, de renome universal. Perante uma facanha de tal monta, em materia de aviação, o seu silencio, a sua indifferença, a sua ausencia seria criminosa. Mas não.

Santos Dumont meteu-se no seu automovel e dirigiu-se ao retiro enquanto uma vistosa esquadrilha aérea fazia evoluções sobre a cidade saudando os triunfais viajantes.

*La Razon*, numa das suas admiraveis edições, diz-nos o que lhe aconteceu:

—«No pudo llegar, como es natural, hasta los mis-  
mos aviadores.

Entonces, en un arrebato de entusiasmo, trepó al asiento de su auto y desde allí, dió repetidos vitores a los triunfadores, agitando en alto su sombrero.

El público que desfilaba por la calle, vitoréo a su vez al aviador brasileño, que estrechó emocionado las manos que se le tendian».

Só quem não conhece o povo argentino, sempre cheio de si mesmo e com justos motivos para isso, é que ignora a aversão em tributar honrarias em quem não as merece.

Procedia assim com Santos Dumont porque não se olvidára daquelas horas celebres de Paris que fizeram estremecer o universo sobre a ansia de sensações novas, de extraordinarias revelações ácerca da aventura iniciada por aquele illustre filho de terras sul americanas.

De facto, jámais será possível esquecer as proezas aeronauticas realizadas por Dumont.

Desde os seus balões *Brasil* (1898) e *A Musica*, até ao *Santos Dumont* n.º 6 com o qual ganhou, em 19 de Outubro de 1901, o premio Deustcht (cem mil francos

que dividiu entre os seus auxiliares e os pobres de Paris) e dêsse até ao «14-bis» que lhe fez conquistar o Taça Archæacon, em 25 de Outubro de 1906, o des-temido conquistado do ar abriu um novo e largo campo á aviação immortalizando o seu nome e o da patria dis-tante.

A ansia de voar foi sempre a obsecção dos hu-manos desde que dos seres vivos, que povoavam a terra e as aguas, novos seres se esboçaram com a fa-culdade de se erguerem no ar.

Dos pterodáctylos, que Cuvier classificou empre-s-tando-lhes os característicos dos saúrios, é que sur-tiu a viabilidade da lenda que nos mostra Icaro fu-gindo, com seu pai Dédalo, do labirinto de Creta.

O resto é tudo o que ha de mais racional. Como em quasi todas as lendas ha sempre um fio de verdade, ainda que ténue, Archytas, de Tarento, o inventor da roldana e do para-fuso, pensou logo na sua «pomba mecani-ca» para o confundir, pelos ares, quatro se-culos antes de Cris-to.

Dal em deante, varias outras tenta-tivas nos aparecem com fins iguais até que Leonardo de Vinci, veio explicar que toda a maquina voadora deveria imi-tar o movimento ala-do das aves que se julgára ser sempre, mas erradamente, apenas em sentido vertical. Preparava-se para demonstrar as suas observações em Fiesole donde pretendia lançar o *célibol*, no alto do monte Cecen, quan-do a morte o arrebatou.

Deixou-nos, po-rém o esboço do seu avião-morcêgo—pois que a ele se assemelha—e dele pos-suimos tambem a descrição do helicóp-tero e o famoso pára-quadras.

A teoria dos ae-rostátos, baseada no principio de Archi-médes, ao conheci-mento de que a sua força ascensional deveria ser regulada pela diferença exis-tente entre o peso total do balão e o peso do ar desloca-do, seguiu-se o sábio estudo, a análise scientifica que estabeleceu a lei da resistencia do ar.

Soube-se assim, incontestavelmente, que essa re-sistencia oposta a uma superficie é proporcional á secção feita perpendicularmente á direcção do movimento e ao quadrado da velocidade da deslocação.

O primeiro motor em aparelhos tais foi o homem, com os braços imitando as azas rudimentares do an-tigo voador lendario; depois, como as mãos não fos-sem suficientes para os movimentos rapidos e po-derosos, vieram modificações em que os pés imprimiam tambem andamento a essas aeronaves.

Santos Dumont, apaixonado automobilista, apli-cou o motor á *nacelle* fazendo voar um aeroplano sobre Paris com essa nova força, tal como Hemon fizera voar sobre Londres o seu aeroplano a vapor que as caricaturas inglezas da epoca representavam por uma caldeira com azas, pairando sobre a capital.

Dando fôrma palpável ao *Velivolus* de que já nós falavam Ovidio, Virgilio e Chateaubriand antes de D'Annunzio, Santos Dumont, enfronhado na leitura favorita do *Cinco semanas em balão*, de Julio Verne, veio mostrar, bem á evidencia, o quanto pôde conse-guir o trabalho do homem pertinaz, inventor e inteli-gente. Do seu esforço nasceram os *Taube*, os *Zeppel-ius*, os *Goliaths* e as modernas applicações militares, commerciaes, industriaes e scientificas que estão tendo os aviões. Graças a esses *brontosaurus* de nova especie, são galgadas, em poucas horas, as multiplas dificuldades geograficas e as grandes zonas de distancia que os trilhos das vias férreas e as quil-lhas dos barcos nem sempre poderão vencer.

O sonho ascensional avançou com Santos Dumont e, para além dos futuros *girópteros* de Papin e Rouilly, outras aves artificiaes hão-de surgir deixando

a perder de vista o *Passarola* de Bar-tolomeu de Gusmão, o 21 de abril de Leo-poldo Silva e o *Par-que*, na sua queda sobre o parque Van-girard, roubou a vida a Augusto Severo, outro brasileiro ilu-stre. Já vai longo o martirologio da avia-ção e o Brasil tem contribuido lar-gamente para ele.

Santos Dumont é todavia a compensa-ção poderosa de to-dos esses desastres porque, com o seu engenho fecundo, montando a afamada *libélula*, desmentiu todas as teorias até então expostas sobre o mais pezado que o ar.

Sabedor talvez do que dizia Arago:— «aquele que, fóra das matematicas puras, pronunciar a palavra *impossivel* é um im-prudente.»—Julgou possivel conseguir o que tentara e venceu em toda a linha.

A audacia de Al-cock e Brown, o vôo, luminoso e danunzia-no sobre Viena, em plena guerra, a pre-cisão com que Charles Godefroy pas-sou, em aeroplano, qual flécha, sob o Arco do Triunfo, de-pois de Guynemer ter hesitado, a cer-teza da linha recta com que outro avia-

dor passára sob a ponte do Var, em Nice, os arroj-os, as verdadeiras maravilhas de acrobacia que tambem ha hoje na aeronautica, tudo isso, tudo se deve á temeridade louca e heroica desse consagrado pio-neiro do ar.

Depois da afirmação de novos principios (e essa deve-se a Santos Dumont) veio, como era de esperar, o aperfeiçoamento material dos aparelhos em face das exigencias que os tempos vão demonstrando melhor. Paris ergueu-lhe um monumento identico ao que levantou á aviação, em Mons, e ainda ao outro dedicado a Farman, em Issy les Moulineaux, tal como Berlim fez ao seu precursor da aviação-Otto Lillantha. O peruano Chavez teve igual homenagem, em Domodossola, onde caíra morto depois de cruzar victorio-samente os Alpes.

Mas o maior monumento erguido a Dumont é, sem duvida, a pagina da Historia onde ficou gravado o



Santos Dumont, por J. Carlos

seu nome ligado à resolução d'um problema cujas maiores vantagens estão aparecendo dia a dia

O governo brasileiro, celebrando o triunfo alcançado, ofereceu-lhe cem contos de reis e o congresso do seu país, votando a lei da despeza para 1919, cedeu ao famoso dominador dos ares, como premio, a propriedade do predio e terras anexas onde nascera, entre as estações de Rocha Dias e Mantiqueira, na Estrada de Ferro Central do Brasil.

A primeira vez que lhe apertei a mão foi, em 2 de janeiro de 1914, quando visitou a sua terra natal, depois de dez largos anos de ausencia.

Serviram-lhe versos maus de saudação na festa de gala realisada no vasto Lirico do Rio de Janeiro, horas depois da apoteose em que foi conduzido do caes até ao palacete de seu irmão, na rua Cruz Lima.

Tornei a encontrar-o no *Plaza Hotel*, em Buenos Ayres, terminado o Almoço. Estava já um pouco mais calva aquela cabeça cujo penteado e chapéu que a cobria em Paris serviram então de modelo para as modas que fizeram furor nos países mais simpáticos á França. Contemplando-o, imaginei-o nas horas de Saint Cyr, olimpico, pálido, franzino, de cabelo empastado, dando ordens rapidas e experimentando os seus aparelhos ao contrario do que fazia De Vinci que, mais cauteloso, mandava experimentar os seus inventos por um aprendiz...

Num dos punhos pendia ainda, de uma corrente de ouro, a medalha de São Benedicto que lhe fôra ofertada por S. A. a princeza d'Eu, em seguida a um dos varios desastres em que o destemido aviador salvou milagrosamente a vida.

O seu nome, dentro da terra que lhe foi berço, tornou-se tão popular que ainda hoje se ouve á viola, em grupos de cantadores, aqueles versos de Eduardo das Neves:

*A Europa curvou-se ante o Brasil  
E clamou parabens em meigo tom;  
Brilhou lá no ceu mais uma estrela;  
Apareceu Santos Dumont!*

Data do nosso encontro em Buenos Ayres, no Centenario de Tucumán, em julho de 1916, esse precioso autografo que ele me deu e que reproduzo aqui, como honrosissima saudação a todos os portugueses. Parece-me até bem oportuna a sua divulgação neste momento em que já veem perto os festejos do Centenario da Independencia do Brasil nos quaes os portugueses foram convidados a colaborar.

Santos Dumont recolheu-se á sua *Torre de Marfim* e não vda mais. Ha tempo, interrogado pelo *La Razon*, de Buenos Ayres, respondeu o que segue:—

—« Já passou o meu tempo de voar. Eu quizera que o aeroplano que foi até hontem a poderosa arma de guerra se convertesse em um optimo meio de trans-

porte, que, saindo das margens do Prata, chegassem em poucas horas ao nosso ceu, para onde o primeiro navegador aereo que levantou seus olhos foi Bartolomeu de Gusmão... »

Como meio de transporte ainda não, mas como record de distancia e velocidade já o aviador argentino Eduardo Hearne voou do Prata a S. Paulo, no Brasil, e já o aviador brasileiro Edu Chaves voou do Rio de Janeiro a Buenos Ayres vingando uma serie de vidas patricias que varias tentativas anteriores haviam ceifado. Santos Dumont, desterrado voluntariamente em Minas, fora dos verões de Petrópolis, assemelha-se, agora, a um Icaro transformado em Virgilio.

Fala bem alto, nesse sentido, a seguinte carta que o aviador, feito creador de gado, enviou ao conhecido cientista brasileiro Dr. Luiz Pereira Barreto:—



Santos Dumont  
Caricatura de Sem

«Hotel Central»

Rio de Janeiro, 20-11-919.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Luiz Pereira Barreto

«Ultimamente tive a honra de ser presenteado pelo «Congresso», com a casa onde eu nasci e que se acha colocada no meio dos magnificos campos da «Serra da Mantiqueira», dos quaes acabo de adquirir uns 250 hectares, nos quaes eu desejaria fundar um retiro de criação unicamente da linda raça nacional de «Caraciús», que deve sem duvida alguma todo o seu justo successo ao doutor.

«Venho, pois, lhe pedir conselhos e perguntar onde poderei encontrar animaes desta raça o que houver de mais puro. Desde já lhe agradecendo, sou seu admirador

(a) Santos Dumont »

Que dizer mais de Santos Dumont, como pretexto de apresentação ao autografo em que nos saúda?

Argonauta do azul foi no ar, entre nuvens e vento que vincou, em nome do progresso, novos traços de união internacional que o futuro ha de aproveitar.

Não poderia fazer obra mais duradoura, que mais o immortalisasse, porque no dizer de Antero do Quental, nas suas *Odes Modernas*:

*... o vento, sabei-o, é pré-gador  
Que através das solidões vai missionando  
A eterna Lei universal Amor!*

MARIO  
MONTEIRO

(da Academia de Sciencias  
de Portugal)



Monumento a Santos Dumont

# A ENTREVISTA DA SEMANA



*A distinta actriz Palmira Bastos e suas filhas, na sala de jantar de sua casa*

## P A L M I R A B A S T O S

COMO um homem da velha Hellade, que desce a montanha sagrada com a alma nos lábios, o riso nos olhos e o vaso de mel onde se bebe, com delícia, a doce colheita do Himeto, — eu, homem do meu tempo, complicado como uma vertigem, cheio de paixões, ardendo sempre numa sarça que ilumina e devora, dispo a minha túnica infiltrada de todos os venenos do mundo, e penetro, quasi em bicos de pés, singelo e apagado, neste interior de rainha. Em volta de mim, um perfume subtil sóbe, encantado como uma graça de Deus; qualquer coisa de imponderavel canta na harmonia augusta do templo. Estou só, mas sinto que Palmyra Bastos está junto de mim. Talvez o seu retrato de menina e moça, em frente dos meus olhos, esteja a falar-me á alma. Ha entre nós uma comunicação, rapida como um ciclone, atravessando o infinito dos espaços e vindo poisar, ao de leve, no peitoril florido do meu coração de rapaz. Se adivinhasse que tinha de chegar aos lábios esta anfora de sonho, eu teria posto a larga faixa bordada dos poetas provençaes e trazia nas mãos a harpa de carvalho dos misteriosos menestreis do Norte. Mas o sonho continúa, ouvindo agora a sua voz, que é um cantico, vendo-a diante de mim, toda em veludo preto, o decote discreto mostrando uma mancha de sol, descaindo-lhe dos hombros esveltos a *écharpe* sangrenta.

Na meia luz da sala, velada e doce, de uma intimidade de claustro, como dois bons amigos que desfiam um rosario, as perolas do passado vão caindo e um pó suave se espalha — borboletas de oiro — e fica a tremer e a brilhar no poente das recordações. A voz da grande artista enlanguesce como um murmurio e nas suas pupilas, onde um clarão de nobreza fulge em relampagos, dilúe-se uma vaga saudade quando diante de elas passa uma sombra amada e distante. Mas o seu busto de marmore estremece e todo o seu corpo fragil tem uma vibração singular ao recolher-se dentro da sua Arte, fortaleza em que nenhum desfalecimento nem ariete de calunia ou flécha de encoberta cobardia conseguiram ainda abrir a apetecida brecha.

Palmyra Bastos fala-me dos seus anos triunfais, sem frases, com a serenidade de quem tem desempenhado lealmente o seu dever e elevado a hostia do seu sonho sempre insatisfeito, — a alar-se para a suprema perfeição. E' uma missão nobremente cumprida, acotovelando invejas tórvas, passando ao lado das horas verdes do ciume, sem nunca misturar a sua alma egregia nesta farrapagem que se encolhe nas sombras. Aos quinze anos, os seus olhos inquietos vivem os primeiros minutos perturbantes das rampas. E' o inicio, a alvorada da sua estrela que desponta. Tem, diante de si, a via dolorosa e inebriante. Póde ser a escuridão do abismo, sepulcro de ilusões; póde

ser a via-lactea, corôa de resplendores e de triunfos. Atravessa, com a magestade soberana da sua arte, o seu porte gentil, a sua graça perfumada de Mulher, as scenas de todos os theatros onde se fala esta adoravel lingua portuguesa, que os seus labios cantam como um hino; — desde as heroínas um pouco dulcerosas da opereta até ás grandes figuras passionaes e tragicas, em que se fixa, por fim, a sua tendencia natural. Portugal ouve-a, ausculta nela a artista maxima, — lapidaria do drama, — e tem um estremecimento de orgulho. O nosso irmão Brasil, fulcro mental da America latina, raiosa florescencia desta bemdita

pesadelo. Essa extranha figura, filha da fulgurante imaginação de Frondaie, conta-me Palmyra que cubicava ha muito incarnal-a, vivel-a em toda a sua luminosa trajetoria de amor e de sacrificio, porque sentia no seu peito amplidão bastante para agasalhal-a, na sua arte fogo para alimentar, de principio a fim, a singular sensibilidade da personagem. E visto que falamos de Frondaie, evoca-se, ainda esse bizarro *Montmartre*, em que Palmyra teve uma doirada messe de triunfos naquele palco do Nacional, viuvo da sua excelsa personalidade de artista, mas que ha-de, — digo-lhe eu, e aqui o confirmo — orgulhar-se de a



Uma sala de estar, em casa da grande actriz

(Clchès Salgado)

arvore em cujo tronco se enlaçam e se emaranham as fibras da mesma grande raça, ergue-a como uma deusa no altar dos seus entusiasmos ardentes. E' uma comunhão requintada de sensibilidade perante a vibração de uma alma que grita as grandes dôres humanas, transmitindo a milhares de almas todos os lances pateticos que a torturam e a fazem sangrar. O seu teatro não é feito pacientemente a missanga, com cordelinhos de titeres, estafadas usanças choramingas, visão acanhada entre dois avisos do contra-regra. Quando Palmyra Bastos toma conta de um papel, já não vive a sua propria vida, — entrega-se, toda, com os seus nervos, o seu coração, o seu cerebro.

Estou a vê-la, ha um mez — hontem — dentro de aquella sua ultima criação, a apaixonada lady Ward da *Casa Cercada*, interprete ideal e inconfundível, esmagando o seu amor de encontro á rude e impenetravel muralha das conveniencias sociaes, atraindo e repelindo, quasi se oferecendo, numa ancia de carne, para se erguer, depois, mais casta, mais severa e mais imaterial na rigida couraça dos seus principios. Palmyra era sangue e nervos, vibração, quando soluçava o seu sonho desfeito; e era, martir e escrava do dever, a mulher que desperta e encontra diante dos olhos, subitamente, vivo e humano, o espectro do seu

possuir, como a mais alta expressão da sua existencia. O Estado, que não deve conhecer conluos de mesquinhas invejas nem póde alheiar-se do dever indeclinavel de chamar ao seu primeiro teatro de declamação a grande actriz, que é honra e lustre da sua profissão, certo não tardará a cumprir esse nobre gesto de fidalgo convite, dando a Palmyra Bastos a categoria de merito relevante, que é o fecho glorioso da sua longa carreira. Mas Palmyra esquiva-se, num movimento de modestia simples. A sua figurinha gracil passa diante de mim, escolhe, num movel precioso, uma carta. E' de Frondaie, enviando-lhe as suas obras, cheio de admiração pelo seu alto talento, e pedindo-lhe que crie em Portugal a sua *Appassionata*.

A tarde, lá fóra, vai caíndo num desmaio lento, rôxo e purpura, sobre a grande cidade tranquiça que mal se adivinha neste religioso recanto de arte e de beleza, onde a mancha de veludo preto de Palmyra se adelgaça mais, quasi fluida, coroada de ouro, a lista sangrenta da sua *écharpe* gotejando-lhe dos ombros magestosos. A sua voz, no silencio que eu guardo como uma eucaristia, parece cantar, em segredo, ciciante e suave, um hino á arte, unico e permanente anceo da sua vida.

José SARMENTO



Alfredo de Kennedy Falcão

**A**sciencia do brasão é cheia de poesia.

Transporta-nos aos velhos tempos da cavalaria, dos trovadores, das cruzadas, dos torneios, em que tudo se sacrificava por Deus, pelo Rei e pelas damas.

Agora os tempos são outros; tudo mudou; mas as velhas pedras brasonadas de vetustos solares e castellos lá estão que nos recordam os feitos dos nossos antepassados.

Desta sciencia, tão antiga como interessante, vamos dar algumas ligeiras noções.

Só podem usar elmo aberto os fidalgos de antiga linhagem. O elmo cerrado indica fidalguia recente; só depois da quarta geração se pode abrir.

O elmo deve ser colocado por cima do escudo, virado para a direita; para a esquerda indica bastardia; de frente só o podem usar os duques, reis e imperadores.

Timbre é a insignia que reputa o alto do elmo; é reputada a parte mais illustre das armas.

Escudo sem timbre chama-se escudo raso.

Diz-se que o uso do timbre foi introduzido por Protheu, rei do Egypto, que o usou no capacete.

O timbre das armas de Portugal era uma serpe alada.

Naquife ou Lambrequim são os ornatos em forma de foilhagem que saem do elmo e correm pelos lados do escudo; o naquife não pode ser de outra cor nem de outro metal senão do que se compõe o escudo.

Nos brasões só se podem usar dois metaes: ouro e prata; as quatro cores correspondentes aos quatro elementos de que se forma o mundo: e quatro peles: arminho, versos, contra versos e versados.

O ouro significa nobreza, fé, sabedoria, felicidade, constancia, poder e liberdade.

A prata denota vencimento, eloquencia, limpeza, humildade e riqueza.

O azul correspondente ao ar, zelo, caridade e lealdade.

O vermelho correspondente ao fogo, victoria, ardis e guerra.

O verde correspondente á agua, esperanza e fé.

O negro correspondente á terra, firmeza, obediencia, honestidade e cortezia.

Nas gravuras quer sobre papel, quer sobre baixelas de ouro ou prata ou qualquer outro objecto as cores que entram na composição do brazão são representadas por linhas ou pontos.

O azul por linhas horisontaes, o vermelho por li-

nhas verticaes, o verde por linhas diagonaes da direita para a esquerda, o negro por linhas horisontaes e verticaes cruzadas; o ouro é indicado por pontos, a prata pelo fundo liso do objecto onde é aberta a gravura.

O escudo é simples ou composto; o simples tem apenas um campo, o composto pode ter muitos campos, portanto muitas cores.

Nos brasões todos os animaes se representam voltados para a direita do escudo; o leão ha-de

estar rompante, a raposa espreitante, a cabra posante, ofalcão caçante, a aguia voante, etc.

Quando se diz que o animal está armado desta ou de aquella cor ou metal é o mesmo que dizer que tem a lingua, as presas ou as unhas da cor ou metal de que se diz estar armado.

As figuras simbolisam: o leão a valentia; a cabra paes montanhosos, rochosos; o falcão é um attributo senhorial; a aguia a força, a magestade, os castellos alta e antiga nobreza; as vieiras (conchas) as pelejas na Terra Santa, etc.

Divisa é uma distincção que se acrescenta ao brazão de armas; coloca-se por baixo do escudo.

A do infante D. Henrique era «Talent de bien faire».

O grito de guerra coloca-se por cima do timbre.

O de D. João I era «Portugal e São Jorge», o de D. João II «Pela lei e pela grei».

Os brazões são hereditarios nas familias e perpetuam de geração em geração a memoria dos altos feitos de aqueles a quem como galardão foram concedidos.

Quando nas justas e torneios, antes de começar a lide, os arautos descreviam em voz alta os brazões dos cavaleiros combatentes, quantos corações pulsariam de legitimo orgulho ao ouvir enumerar entre os seus maiores as façanhas dos Egas, dos Maias, dos Gonçalves, impolutos e esforçados portugueses que preferiam a morte a perjurar!

Corte Real, descrevendo a scena sublime em que Nuno Gonçalves, alcaide-mór do castelo de Faria prefere morrer a que seu filho entregue o castelo, põe-lhe na boca estas palavras:

*«Estae firme, constante, estae seguro;  
Que menos é morrer que ser perjuro.»*

Haverá ainda hoje muitos que assim pensem?

ALFREDO DE KENNEDY FALCÃO

# UM MESTRE DA SILHUETA

A  
ARTE  
A  
BRANCO  
E  
NEGRO



DE  
ERNST  
ENGERT



A Arte de Karl Dielenbah, a Arte da Silhueta, tem um novo cultor, Ernst Engert. Este artista que é também um admirável dançarino, conta apenas vinte e cinco anos. As Silhuetas



que hoje reproduzimos, têm as seguintes legendas: «Os galgos», «O tocador de flauta», «A hora do chá», «Depois da caça» e «Salomé». Na America compararam Ernst Engert com o grande desenhador Beardsley.

OS  
MASCARAS De  
BRONZE



*O capitão Vaquinhas na posição em que foi encontrado morto*

PARCE O ASSUNTO DUMA NOVELA POLICIAL E PASSOU-SE HA DIAS EM LISBOA. O CAPITÃO VAQUINHAS, FIGURA PALIDA, DILUIDA, QUE DIFICILMENTE PODIA JUSTIFICAR UM SENTIMENTO DE ODIÓ, FOI ASSASSINADO, BARBARAMENTE, NO SEU PROPRIO LEITO, NUM PLAGIATO MACABRO DOS MISTERIOS DO «ÉCRAN». HA NESTA LEGENDA SINISTRA E RIDICULA, «OS MASCARAS DE BRONZE», UM MIXTO DE INFANTILIDADE E DE CRIME QUE ATERRORISA E DESALENTA. O CRIME DOS «MASCARAS DE BRONZE» É MAIS UM CARTAZ DA HORA, DESTA HORA QUE MATA A TODO O INSTANTE, DESTA HORA HOMICIDA, DESTA HORA EMBUÇADA DE MISTERIO E DE NOITE...

(Clichés Salgado)



*Os convidados que assistiram ao almoço oferecido pelo director do Tempo, Simão de Labreiro, á companhia lirica italiana que fês a época em S. Carlos*

É C O S D O C A R N A V A L

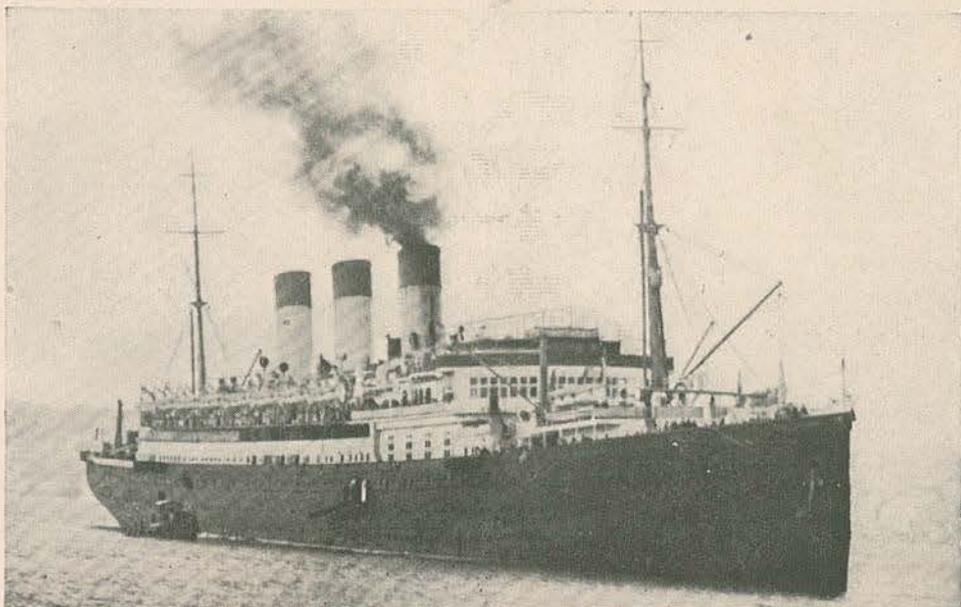


*1. A menina Maria José, interessante netinha do sr. Gaspar da Rocha Diniz, vestida de serrana do Caramulo (Beira Alta). 2. O menino Ernani Coelho e sua irmã Julieta Coelho*

# As cidades fluctuantes do mar

## O "CAP POLONIO"

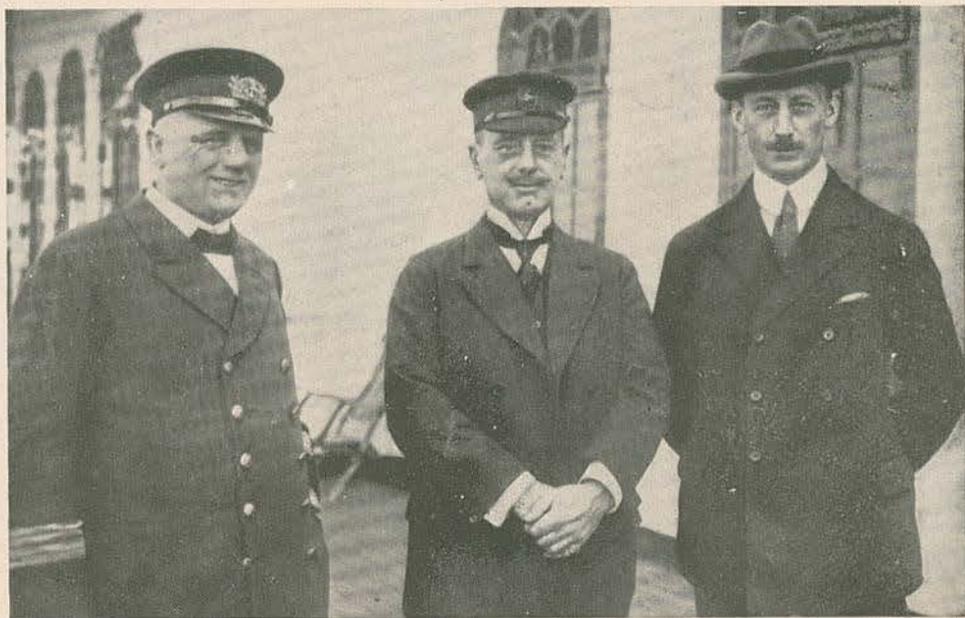
tipo exemplar dos magnificos paquetes modernos



O «Cap Polonio»

Tudo quanto a vida metropolitana conseguiu ganhar de conforto e de grandeza, realisam-no os transatlanticos, no seu seio dilatado e re-

tuantes do mar, as cidades que o empreendimento ciclopico do homem leva de um a outro continente, dando quasi ao passageiro a formal



Comandante Sr. E. Rolin, director da Companhia Th. Amsinck e W. Harting, socio da casa Marcus & Harting, L.

cheado de coisas belas, de coisas de afago e de comodidade.

Os transatlanticos são, assim, as cidades flu-

ilusão de que não se deslocou da terra e do seu carinho, e da sua estabilidade.

Viajar num desses gigantes barcos é conti-

nuar nas condições tranquilisadoras da estadia terrestre. Eles foram feitos como documento do dominio do homem sobre o mar. E afirmam-se como tal, todos os dias, nas mais rapidas der-

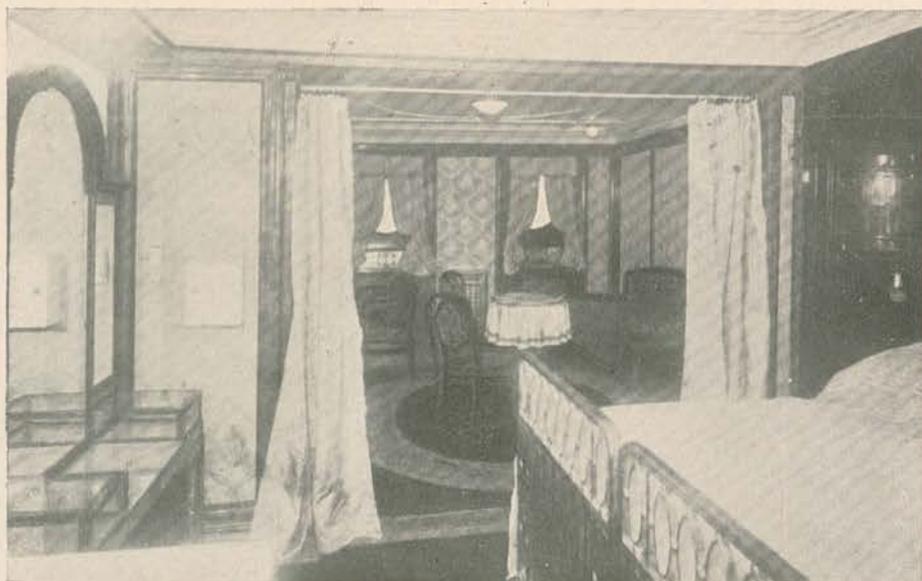
num dos maiores estaleiros hamburguezes, sofreu as contrariedades do periodo da guerra, e foi ao cabo desta, entregue á *Entente*, que o vendeu depois á referida Companhia de navegação.



Salão de 1.ª classe

rotas, sulcando, na magestade do seu bojo, o turbilhão das aguas, e animando, dentro de si, uma segura e brilhante vida citadina.

E' o tipo realizado das supremas perfeições que modernamente atingiu a construção naval. Tem o comprimento de 202 metros, a largura de



Camarote de luxo de 1.ª classe

Um desses navios maravilhou-nos, ha semanas, na sua passagem no Tejo. E' o «Cap-Polono», da Hamburg Sudamerikanische Damfschiffahrte-Geselle-Chaft. Construido em 1914,

22 e a força de 20:000 cavalos-vapor. Com 3 helices, desloca 18 e meia milhas por hora, com o registo de 20:576 toneladas.

O combustivel que alimenta as suas caldeiras

é o óleo, e, entre os seus maximos aperfeiçoamentos modernos, observámos o leme automatico, engenho de assombrosa precisão, que dispensa os cuidados e o exercicio de um timonei-

2:000 pessoas, assim discriminadas: 400 de tripulação; 400 passageiros de 1.ª classe; 150 de 2.ª; 110 de classe intermediaria, e 1:000 de 3.ª classe.

A Companhia Hamburg Sudamerikanische,



*Um trecho à hora do chá, no jardim de inverno.*

ro, anulando-o do numero da tripulação. Ha ainda de muito curioso nos seus aparelhos a novidade de uma bussola sem magnetos, a qual nun-

que é dirigida pelo sr. Th. Amsinck, tem orgulho na existencia do seu grandioso paquete, que cada vez se evidencia mais veloz. Lembremos, a



*Sala de jantar.*

ca pode causar os desvios de agulha, e evita os escolhos a que os magnetos muitas vezes atraem os barcos.

Lá dentro, nos seus alojamentos, comporta

proposito, que ele acaba de fazer a viagem de Lisboa a Tenerife em 42 horas, batendo os records anteriores. O comandante, sr. E. Rolin, que é um marinheiro illustre e valoroso, foi mui-

to felicitado pelas autoridades de Tenerife, que lhe ofereceram um banquete na respetiva Câmara Municipal, consagrando o admirável *record* da rapidez do «Cap-Polonio».

Buenos-Aires, fazendo, excelentemente, a viagem.

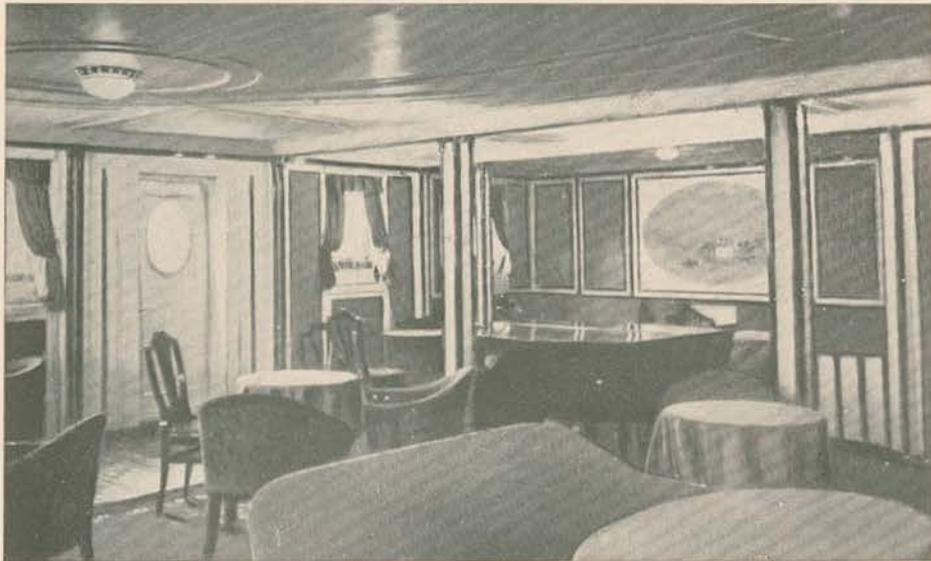
A agência da Hamburg Sudamerikanische em Lisboa é a casa Marcus & Harting, Limitada.



*Sala de ginastica.*

Dessa homenagem participou também o commissario de bordo, sr. Krohn, que é um valioso auxiliar do comandante e das funções perfectas do transatlantico alemão.

Andar no «Cap-Polonio» é ter, de facto, a sensação de viver no desafogo e no contento de uma linda cidade. Tem praças e ruas interessantes, em cujos estabelecimentos, das mais diversas



*Salão de senhoras, de 2.ª classe.*

De Tenerife, onde deixou o diretor, sr. Amsinck, seguiu o «Cap-Polonio» para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e

classes de comercio, o transeunte, isto é, o passageiro, adquire tudo o que deseja, como o poderia fazer no centro comercial de uma capital.

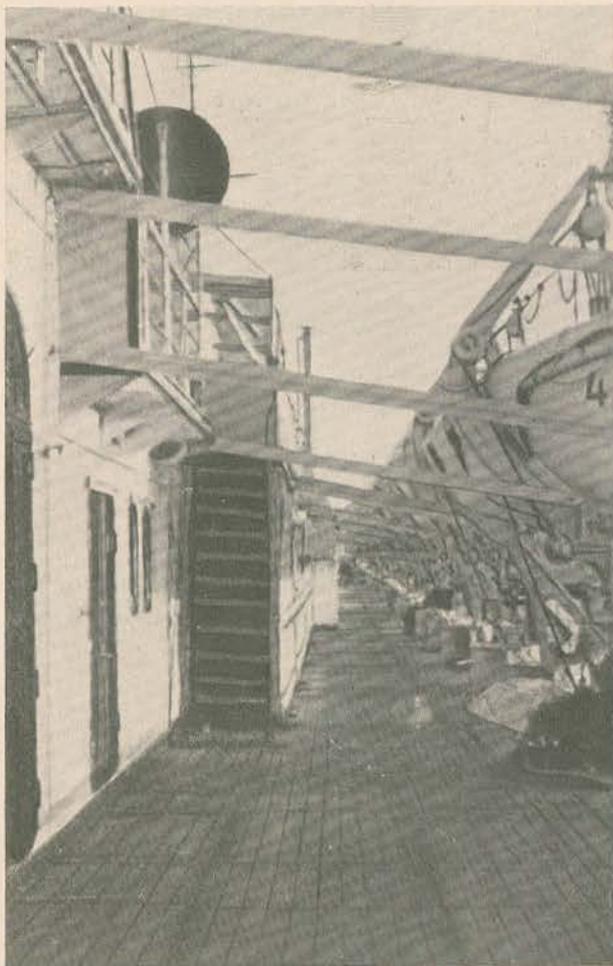
Tem teatros, tem cafés, tem outros logares de distração. E' a realisação de toda a vida moderna, num abrigo seguro, sobre os oceanos!

A casa de jantar, ampla e elegantissima, pintada a branco e ouro, com magestosas colunas de marmore, comporta 400 pessoas, em varias mezas. E' um interior palaciano, que entusiasma, visto no esplendor de toda a sua iluminação profusa de lampadas e arcos voltaicos.

A sala de fumo, com mezas de talha em mogno e *maples* deliciosos; a sala de musica e biblioteca, com milhares de livros de encadernação luxuosa; os gabinetes de massagens e de balneoterapia electrica; a piscina, o salão de chá,

elegantissimo jardim de inverno, as estufas, a lavanderia e a engomadaria mecanicas — tudo no «Cap-Polonio» é um conjunto de condições materiaes de vida feliz, de existencia moderna. E esta impressão é na boca dos passageiros de 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, intermediaria e 3.<sup>a</sup> classes, um louvor permanente, cuja justiça nós podemos constatar na visita que realisámos ao magnifico paquete alemão.

Por ultimo, cumpre-nos agradecer ao sr. W. Harting, socio da casa Marcus & Harting, o prazer que nos proporcionou, acompanhando-nos na nossa visita e ciceronando-nos atraz da maravilha de luxo e conforto que é o *Cap Polonio*.



*Convez mais alto do esplendido barco, onde se vêem os salva-vidas*

(Clichés Salgado)

**COIMBRA**, poema de Saudade e Desafronta, escrito por Alfredo Pimenta.—Ainda ha muito poucos dias que eu tive de referir-me a um livro de Alfredo Pimenta, e já hoje surge uma nova afirmação da sua fecundidade de artista. E' esta a melhor, a mais sobranceira resposta, que Alfredo Pimenta pôde dar aos que o atacam. Enquanto elles, os faceis demolidores das obras alheias, os que nada produzem e tudo comentam, enquanto elles na inconsciencia «snob» da sua má lingua continuam a atirar-lhe flechas que erram o alvo—o Poeta, sereno, orgulhoso, inalteravel, continúa na criação dos seus belos versos musicaes e das suas belas imagens coloridas. E assim a victoria é certa para Alfredo Pimenta—porque a victoria é sempre dos que avançam, d'olhos no alto, pelo caminho erguido da Beleza.

*Coimbra*, o novo poema do ritmador da *Alma ajoelhada*, é uma admiravel evocação da terra elegiaca e boemia, onde rufam as azas negras das mocidades e vibram no espaço os halitos doirados das quimeras. Alfredo Pimenta recorda o seu tempo academico, recorda-o com pitoresco e enternecido carinho, vincando notas curiosas e ineditas de aventura e sonho:

Coimbra da Torre de Anto, agora abandonada,  
Encarando saudosa o panorama frio  
De Santa Clara, ao longe, inquieta e profanada,  
Mirando-se, a chorar, nas aguas do seu rio;  
O' Coimbra do Jardim, das tilias ás dezenas,  
O' Coimbra do Choupal, das capas e bañimas;  
Coimbra das tardes d'oiro—as tardes de novenas,  
Com passetos sem fim até ás Ursulinas;

E varios momentos e varios aspectos passam — aspectos d'essa Coimbra encantada que o poeta resume, que o poeta define, maravilhosamente, em dois primorosos versos:

O' Coimbra do Amôr, ó Coimbra das guitarras  
Desmaiando em canções sob um luar (de veludo...

Alfredo Pimenta alcançou de certo a sua intenção. Coimbra, profanada ha muito pelos vendilhões do seu templo espiritual, teve agora, na arte do poeta uma bela consagração, que, decerto foi, para ella, uma alvorada de seducções e uma aleluia de caricias...

**LENDA**, versos, por Antonio de Bourbon.—Antonio de Bourbon, um poeta moço, que já



Julião Quintinha

princípios a afirmar-se em varias *plaquettes* curiosas pelo ritmo e pelo sortilegio decorativo, afirma-se decididamente agora, com a sua obra nova, acabada de aparecer nas vitrines cromaticas dos livreiros.

Antonio de Bourbon é uma sensibilidade. Ele sabe dar, com uma certa noção pictural e musical, as sensações, os extasis, e as belezas da vida. Na sua primeira parte, *A Lenda*, ha uma doce, uma fluida simplicidade diafana. Na segunda parte, *Vida de Rosas*—onde se conhece a inspiração de algum idílio enternecido—canta-se a mulher e o lar, numa atmosfera de embevecimentos e beatitudes. Na terceira, ha, sobretudo, torturas de insatisfeitos e vãos liricos de poeta. Na quarta, *Lantejoulas*, passa uma *kermesse* de motivos, um mosaico de vibrações e de tonalidades. Foi esta sua ultima fase que eu preferi, na leitura do seu livro, essa ultima fase a que ele dá como legenda uma quadra:

Meus versos são lantejoulas,  
Engano que faz barulho;  
Nada valem, são papoulas  
Sangrando do seu orgulho...

Evidentemente, ha ainda, em Antonio de Bourbon, muito que aperfeiçoar. Justamente porque ele tem versos que marcam um valor—seria para exigir mais equilibrio em certas composições e em certas poesias, aqui e além. Isso é, porém, natural, num poeta que está sendo uma aspiração em marcha—e em marcha progressiva e ampla. Vou ter apenas o prazer de trazer para aqui mais uma passagem do poemeto *Coimbra*—já que Coimbra é a minha terra—e já que Coimbra está na ordem do dia:

N'um parque d'abandono e lendas...  
—As lendas são as rendas  
de sono  
num parque d'abandono...

Como Bruges Malines, terras mortas  
tudo pensa e medita n'outra idade,  
Abrem-se as janelas e as portas  
para a Saudade...

E' tambem para a Saudade que quasi sempre se abrem os olhos de Antonio de Bourbon—e de aí vem o seu temperamento d'artista nostalgico, que o torna um poeta essencialmente e extasiadamente luziada.

\*

**RISINHOS DO MAR**, novelas-impresões, por Julião Quintinha.—Foi com um grande prazer de arte que li as cento e cincoenta paginas do livro de Julião Quintinha. Ele é um prosador curioso, muito independente, muito emotivo, duma sensibilidade tremula e calorosa de meridional. Atravez as suas impresões (mais impresões do que novelas), todas tocadas dum vago e fluido lirismo fatalista—colhe-se um espirito apiedado e sensual, com o coração de luto, em frente aos dolorosos maleficios da vida e com os sentidos embandeirados ao contacto das grandes festas carnavalescas da volupia.

Julião Quintinha ainda não está completamente de posse da sua forma. Ha certos periodos e certos desenhos literarios que ele ainda não consegue dar com uma perfeição sugestiva e certa. Por vezes, o seu estilo torna-se demasiado romantico e demasia do vago—faltando-lhe então a *patine* máscula da Verdade e da energia. Entretanto, isto é apenas uma consequencia da *étape* logica que Julião Quintinha percorre. E' ainda a *étape* onde ha hesitações e nevoeiros—mas donde surgirá, decididamente, a grande alvorada dum nome illustre de escritor.

Preferi, ás notas mundanas de Julião Quintinha, onde nem sempre encontrei uma clara harmonia de recortes e de tonalidades—as suas notas de dramas populares, dramas onde pulsa, na febre alta da miseria, toda a grande Dor profunda, arrepiada e heroica, dos humildes. Aí é que Julião Quintinha se me impoz, como um temperamento de fortes e ardentes vãos comovidos, com um ar de apostolo slavo, um ar que ás vezes o aproxima de Gorki. Julião Quintinha é, então, admiravelmente, o Poeta do Sofrimento e da Desgraça o Poeta solidario das lagrimas, dos farrapos e das cicatrizes humanas.

João AMEAL

# TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

## MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas cerninaes, escrofulas, linfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afeções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao esporte leem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitarem o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sociedades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5:00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Oanda: Serra, Annes & Irmão



## Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

## Camelia Branca

L.º D'ABEGOARIA, 50  
(ao Chiado) - Tel. 3270

## CASAMENTO

O conhecido astrologo J. RABESTANA (o homem misterioso), acaba de descobrir o segredo unico e infalivel para conse uirdes um casamento feliz e evitardes um casamento infeliz. E' um trabalho scientifico e ao alcance de todas as pessoas. Envie a data do seu nascimento e 5:000 réis para conhecer este poderoso segredo que vos dará a felicidade no casamento.

Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, LISBOA.



## O passao, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

## Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fiziologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas todos os dias utels, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

das 11 da manhã ás 7 da tarde (sobreloja) — Lisboa.



## Neuralgia e dor de cabeça

A VIDA diaria agitada muitas vezes produz dores neuralgicas de cabeça. A applicação do

Linimento Sloan

dá immediato allivio.

Não es necessita massagem, e prova ser mais effectivo, mais conveniente, e mais limpo do que qualquer emplastro ou unguento. Não mancha pelle, nem a roupa.

© Linimento Sloan

não deve faltar em nenhuma parte, é um verdadeiro medico casero.

(Vende-se em todas as Pharmacias)

## Linimento de Sloan

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º-Lisboa.  
11, R. MOUSINHO DA SILVEIRA — Porto

## M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias utels das 12 ás 2: horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Caçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esculpta)

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

Preço: 20 centavos

# O MEDO DA PRIMAVERA



## A ESTAÇÃO FATAL!

**E**STAMOS na quadra funestissima para os sifiliticos, que, tal como o outono, ceifa milhões de desprezadas vitimas da peor doença que existe: **a sífilis**. Todavia, ninguem ignora que esta molestia, sendo tratada a tempo e com acerto, coloca o sifilitico ao abrigo das suas investidas ou tira-lhe os seus terriveis efeitos, curando a doença e tonificando-lhe o organismo.

E' este tratamento o unico que se pode recomendar com exito e para esse efeito apenas existe um remedio—o grande remedio da sífilis!—consagrado hoje em todos os grandes paises onde é usado e está provado, pelas suas Juntas de saude:

### **DEPURATOL!**

O seu uso sem exigir dieta nem resguardo e sempre de efeitos radicaes e seguros, não traz o minimo inconveniente, visto apesar de extremamente enérgico ser absolutamente inofensivo, ainda que

aplicado a crianças ou a pessoas debilitadas e com ele se

### **DISPENSA...**

...o uso das classicas injeccões hipodermicas ou intra-venosas (606, 914 e de todas as outras substancias mercuriais e arsenicais, sempre dolorosas, incomodativas e nem sempre isentas de grandes perigos), as repugnantes fricções mercuriais e todos os mais tratamentos usados no combate da sífilis. **O DEPURATOL só por si** constitue o tratamento mais completo desta perigosissima e contagiosa doença.

Exijam no acto da compra do **DEPURATOL** o interessante livrinho gratuito: **Perigo da Sífilis e Instruções**. Pedidos em LISBOA, na Farmacia J. Nobre, Rossio, 109; e no PORTO, na Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 42, e nas provincias nos seus depositos. Preço: 1 tubo, 3\$85; 6 tubos, 21\$50. Pelo correio, porte gratis.